

Ivone Gebara

Doutora *Honoris Causa*



Ketlin Laís Schuchardt
Sabrina Senger (orgs.)

Ivone Gebara:
Doutora Honoris Causa

© 2014 Faculdades EST

Faculdades EST

Rua Amadeo Rossi, 467,
Morro do Espelho
93.010-050 – São Leopoldo – RS – Brasil
Tel.: +55 51 2111 1400
Fax: +55 51 2111 1411
www.est.edu.br | est@est.edu.br

Reitor

Oneide Bobsin

Coordenação Programa de Gênero e Religião

André S. Musskopf
Marcia Blasi

Equipe do Programa de Gênero e Religião

Amanda Motta Castro – Assistente de Projetos
Marli Brun – Assistente de Projetos
Daniéli Busanello Krob – Assistente de Pesquisa
Luciana Steffen – Assistente de Pesquisa
Ketlin Laís Schuchardt – Bolsista de Iniciação Científica
Sabrina Senger – Bolsista de Iniciação Científica
Remí Klein – Pesquisador associado

Coordenação Técnica de Publicações da Faculdades EST

Iuri Andréas Reblin

Conselho Editorial

Adriana Dewes Pressler (EST, São Leopoldo/RS, Brasil)
André S. Musskopf (EST, São Leopoldo/RS, Brasil)
Anete Roese (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Iuri Andréas Reblin (EST, São Leopoldo/RS, Brasil)
Kathlen Luana de Oliveira (FACOS, Osório/RS, Brasil)
Oneide Bobsin (EST, São Leopoldo/RS, Brasil)
Remí Klein (EST, São Leopoldo/RS, Brasil)
Vítor Westhelle (LSTC, Chicago/IL, EUA)

Ketlin Laís Schuchardt
Sabrina Senger
(Organização)

Ivone Gebara
Doutora Honoris Causa

EST
São Leopoldo
2014

© dos textos desta compilação: dos autores e das autoras dos textos

Faculdades EST

Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho

93.010-050 – São Leopoldo – RS – Brasil

Tel.: +55 51 2111 1400

Fax: +55 51 2111 1411

www.est.edu.br | est@est.edu.br



Esta obra foi licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial- Sem Derivados 3.0 Não Adaptada.

Capa: Rafael von Saltiél

Compilação e Editoração | Revisão ortográfica e técnica:

Ketlin Laís Schuchardt e Sabrina Senger

Supervisão e Finalização: Iuri Andréas Reblin

Esta é uma publicação sem fins lucrativos, disponibilizada gratuitamente no Portal de Livros Digitais da Faculdades EST, bem como outros espaços. Os textos publicados neste livro são de responsabilidade de seus autores e de suas autoras, tanto em relação ao respeito às normas técnicas e ortográficas vigentes e à idoneidade intelectual (respeito às fontes) quanto acerca do copyright. Qualquer parte pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

196s Ivone Gebara Doutora Honoris Causa [recurso eletrônico] / Ketlin Laís Schuchardt, Sabrina Senger (organização). – São Leopoldo : Faculdades EST, 2014. 69 p.; il.

E-book, PDF.

ISBN 978-85-89754-35-4

Inclui referências bibliográficas.

1. Gebara, Ivone, 1944 –. 2. Teologia feminista. I. Schuchardt, Ketlin Laís. II. Senger, Sabrina.

CDD 305.42

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Sumário

<i>Apresentação</i>	7
<i>Márcia Blasi</i>	
<i>Depoimentos</i>	13
<i>Patrícia Cuyatti</i>	
<i>Elaine Neuenfeldt</i>	
<i>Abertura</i>	19
<i>Laudatio</i>	31
<i>por André S. Musskopf</i>	
<i>Toga, Diploma e Placa</i>	41
<i>Discurso</i>	45
<i>por Ivone Gebara</i>	
<i>Homenagens</i>	55
<i>Outras Homenagens</i>	63
<i>Encerramento</i>	67

Apresentação

Na noite do dia 10 de setembro de 2014, durante o II Congresso Internacional da Faculdades EST, corpos, mentes e afetos se voltaram para São Leopoldo. Naquela noite, a Faculdade EST concedeu o título de Doutora *Honoris Causa* para a teóloga e filósofa Dra. Ivone Gebara. O Conselho da Faculdades EST acatou a sugestão do Núcleo de Pesquisa de Gênero da instituição.

Foram meses de preparo, ousadia e ins/cons-piração. Foram meses de espera e de planejamento. Cada detalhe foi pensado com carinho. O auditório foi preparado como a ideia de um lar, onde cada uma e cada um tem um lugar especial, rompendo a paradigma da dualidade existente entre espaço doméstico e espaço público. Nas casas, e não apenas nas academias, também se faz teologia, e da melhor qualidade.

Nossa ilustre convidada não pode estar presente. Assis-tiu de longe a todas as homenagens. A emoção preencheu o espaço. Houve aplausos, lágrimas, música, lançamento de um livro-presente, especialmente composto para a ocasião. Houve sorrisos, boas conversas, aconchego no sofá e ousadia nos microfones. Houve jeitos diversos e diversos jeitos de agradecer.

Para quem esteve na festa, este livro vai ser um convite para relembrar. Para quem não esteve presente e tampouco conseguiu acompanhar o evento pelo site da Faculdades EST, este livro é uma oportunidade de chegar-se e participar.

A cerimônia de outorga passou, mas não passou e nem vai passar, o desafio que Ivone Gebara coloca na nossa frente. Sua instigante e profunda obra nos desafia diariamente a continuar trilhando caminhos de justiça: justiça de gênero, justiça ambiental, justiça teológica.

Prepare uma xícara de chá ou de café, encontre um sofá, uma rede, uma sombra ou um cobertor, e leia. A festa é nossa. Ivone é nossa.

Obrigada, Ivone!

Márcia Blasi

Coordenação do Programa de Gênero e Religião
Faculdades EST

II Congresso Internacional da Faculdades EST Cerimônia de outorga do título de Doutora *Honoris Causa* a Ivone Gebara

Audatório Colégio Sinodal - 10 de setembro de 2014, 19h



O ambiente era de acolhida!



Carrega pra cá, leva pra lá...



*Tudo pensado com carinho
e arrumado com alegria!*



*Muitas mãos, diversas opiniões
e significados*



Desde que o samba é samba¹

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
A noite, a chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
A noite e a chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora

O samba ainda vai nascer
O samba ainda não chegou

O samba não vai morrer
Veja o dia ainda não raiou

O samba é o pai do prazer
O samba é o filho da dor

O grande poder transformador.

¹ CAETANO, Veloso. *Desde que o samba é samba*. Interpretação: Gingapraquê.

Depoimentos

Pessoalmente não tive a oportunidade de conhecer Ivone Gebara, mas sim através de seus livros já bem cedo por volta dos anos 1999 e 2000. E me impactou através de suas leituras, ao longo dos anos, me impactou sua vida pessoal. Uma mulher muito próxima às mulheres que sofriam e que ainda sofrem no Recife, nas comunidades de base. Uma mulher que é capaz de ler esses sofrimentos e fazer teologia. Essa é uma das metodologias que Ivone Gebara produz, e a produz desde o cotidiano, um termo que ela cunha, trabalha e ao qual dá sentido. Ela sabe ler através daquelas vivências diárias os conceitos mais importantes para a teologia feminista e posteriormente para a teologia ecofeminista. Então, foram os livros que me apresentaram Ivone Gebara, sobre sua experiência nas relações humanas, de sua experiência no amor vivido a cada dia, de sua experiência teológica. Quando ela fala que a mulher faz teologia, não somente coloca bases para empoderar e para dizer: “sim nós temos outro modo de fazer teologia, ou nosso ver e nosso agir já é uma teologia, e é preciso coloca-la em teoria”. Quando ela trabalha sua teoria ecofeminista, faz esse processo de incorporar, ou melhor, de voltar ao que as culturas andinas trabalham que é o tema da relacionabilidade. Porém não é uma relacionabilidade que tu dá para mim e eu dou a ti. Não. O que ela resgata é a relacionabilidade de respeito, de amor, de consciência, que o que foi criado tem sentido e necessita ser cuidado. Não somente para hoje, de maneira egoísta para hoje. Não. Nem em sentido econômico do cuidado. Mas muito mais em um sentido de olhar para o futuro, o que vamos deixar para quem virá depois de nós nessa vida? Ou como queremos que elas e eles encontrem o mundo no qual hoje nos cabe viver. “Rompendo o silêncio” é um exemplo lindo, pois ela, com sua própria vida, rompe silêncios. Ela tem sido questionada e até silenciada - daí que vem o seu livro. Silenciada lite-

ralmente. E ela é capaz de surgir novamente usando a ferramenta que é mais poderosa e que ela tem, a teologia, para romper os silêncios e falar de temas muito contextuais, muito desafiadores, e dizer: “ainda não temos a última palavra nas questões de direitos humanos das mulheres, direitos reprodutivos, direitos da terra, em questões de liderança de mulheres, em questões de justiça de gênero etc.” Ivone inspira e vai continuar inspirando a nós que não tivemos a oportunidade de conhecê-la e muitas que também não terão, mas é alguém que cativa e te move o coração e te permite caminhar com ela, te permite voltar a esse cotidiano, a essa relacionalidade. E o faz de uma maneira artística, porque ela não somente faz teologia desde o escritório, ela o faz desde a vida diária, e traz essas vidas, conta as vidas, narra as histórias, as coloca em um nível teológico e tira o sentido delas e devolve esperança para as mulheres. Este é um caminho diferente de fazer teologia. Essa é uma metodologia que normalmente a academia não toma com muito amor, porém deveria. Porque se a teologia quer fazer sentido para quem a vive e a faz, essa deveria ser a metodologia. Obrigada Ivone por esse legado tão rico e maravilhoso, obrigada por que tu te permitiste que muitas mulheres te conheçam, te sintam, e obrigada porque tu nos acompanhas e seguirás conosco e com muitos homens nesse caminhar e que-fazer teológico.¹

Patrícia Cuyatti

Secretária de Área para América Latina e o Caribe
no Departamento de Missão e Desenvolvimento
da Federação Luterana Mundial (FLM)

¹ Transcrito e traduzido do vídeo gravado na Faculdades EST e apresentado na Cerimônia.

Eu sou Elaine Neuenfeldt, sou brasileira e trabalho na Federação Luterana Mundial, na Secretaria de Mulheres na Igreja e na Sociedade. Sou pastora da Igreja Luterana, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O que foi importante em termos de aprendizado com a Ivone daria pra dizer duas coisas: uma é que eu tive o privilégio de ter, no início da minha formação teológica, um Seminário com a Ivone Gebara na EST, e isso demarcou, isso marcou a minha formação teológica em termos de perspectiva crítica em relação ao fazer teológico, em relação à Bíblia, em relação à Teologia Sistemática, em relação ao pensar a prática das igrejas em geral. Começar o curso da teologia com uma experiência de formação que privilegiava as perguntas, a crítica, que era o que a gente aprendeu com a Ivone, foi um marco de como eu entendi o fazer teologia. E isso marcou também a minha formação teológica, o meu fazer teológico dentro da academia e como prática na Igreja, como pastora. Privilegiar as perguntas, a crítica, perguntar mais do que dar respostas. E esse é um legado que a Ivone nos deu nesse momento de formação teológica inicial para um grupo de mulheres naquele primeiro Seminário que tivemos em 85, 87, na década de 80. Um segundo legado, um segundo privilégio que eu aprendi com a trajetória da Ivone, é de que ficar dentro de organizações custa. Ficar, estar, se estabelecer dentro de organizações estruturadas, que muitas vezes não refletem ou não são capazes de ter espaços de participação democráticos e de diálogo, ficar dentro dessas estruturas é um processo doloroso, pode ser um processo bastante problemático, mas também é um processo de aprendizado. E ficar dentro de uma organização como Igreja, como academia, como organizações internacionais ecumênicas, tem esse duplo sentimento de que você aprende, você tem uma experiência grande de aprendizado, mas por outro lado tem uma experiência muito grande de sofrimento, de lutar contra espaços que muitas vezes não estão pensados, muitas vezes não

estão adequados, acomodados para integrar as experiências das mulheres, especialmente no fazer teológico. São espaços bastante masculinos, são espaços hierarquizados, são espaços que excluem a experiência das mulheres. Ficar dentro dessas organizações é um desafio muito grande, que só se consegue sobreviver e ter uma perspectiva feminista, nesse ficar dentro, quando você junta e consegue ter alianças. Ter gente companheira, amiga, que compartilha, que te ajuda, que na verdade faz você sobreviver e ter momentos de respiro em conjunto. E esses foram os momentos lindos que aprendemos com a Ivone nos grupos de mulheres do CEBI, nos grupos de mulheres de reflexão ecumênica, foram momentos de respiro, de conspiração, de respirar juntas. Obrigada Ivone.²

Elaine Neuenfeldt

Secretária Executiva para Mulheres na Igreja e na
Sociedade da Federação Luterana Mundial

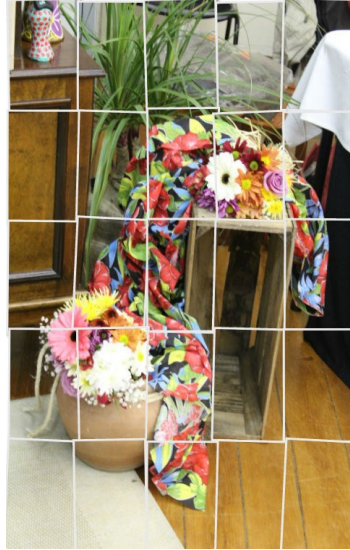


² Transcrito do vídeo gravado em Genebra e apresentado na Cerimônia.

Maria Moita¹

Nasceu lá na Bahia de
mocama confeitor
Seu pai dormia em cama, sua mãe no pesador
Seu pai só dizia assim
"Venha Cá"
Sua mãe só dizia sim sem fa-
lar,
Mulher que fala muito perde
logo o seu amor

Deus fez primeiro o homem,
a mulher nasceu depois
E é por isso que a mulher
trabalha sempre pelos dois
O homem acaba de chegar,
tá com fome
A mulher tem que olhar pelo
homem
E é deitada, em pé, mulher tem
é, é que trabalhar.



O rico acorda tarde e já começa a resmungar
O pobre acorda cedo e já começa a trabalhar
Vou pedir ao meu babalorixá
pra fazer uma oração pra Xangô
Pra pôr pra trabalhar gente que nunca trabalhou

¹ Carlos Lira e Vinícius de Moraes. *Maria Moita*.
Interpretação: Gingapraquê.

Abertura



↳ Promotoras legais populares

Saudação inicial

Companheiras e companheiros, boa noite!

É com muita alegria que lhes damos as boas-vindas à Faculdades EST! Sintam-se acolhidas e acolhidos em nosso meio! Nessa noite temos a imensa honra de receber vocês para a Cerimônia de Outorga do Título de Doutora *Honoris Causa* à Teóloga e Filósofa Ivone Gebara.

Saudamos também as pessoas que estão assistindo à cerimônia ao vivo em diversas partes do mundo pela internet.¹

Essa é uma noite de celebração! Celebração da vida e da obra de uma das mais importantes e influentes teólogas da atualidade, mas também de todos os movimentos, grupos, organizações e instituições engajadas na superação de todas as formas de violência e na construção de relações justas para todas as pessoas. Estas lutas estão representadas nas bandeiras que abriram caminho para a nossa celebração.

¹ Vídeo da transmissão disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eJ1Axjak-ps>. Acesso em: 28 Nov. 2014

Maria Maria²

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia,
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Lêre, lare, lêre, lare. lêre, larê

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo uma marca

Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fê na vida

² Milton Nascimento e Fernando Brant. *Maria Maria*. Interpretação: Gingapraqê.

Composição do espaço de honra

Ivone Gebara tem nos ensinado a pensar no cotidiano, no ordinário, como espaço de produção da vida e do conhecimento. Nas cozinhas, nas ruas, nos campos, nas fábricas, nas salas de aula e nas rodas de conversa vamos tecendo redes e tramas para desconstruir, reconstruir e construir saberes e relações. Nessa noite, muitos desses saberes se encontram aqui e tomam forma como cotidiano ordinário, como denúncia de tudo que agride e violenta e anúncio de outros mundos possíveis. Achequem-se! Fiquem à vontade! A casa é nossa.

Compõem o espaço de honra:

- 1) Oneide Bobsin –Reitor da Faculdades EST
- 2) Hilmar Kannenberg – Presidente do Conselho de Administração da Faculdades EST
- 3) André S. Musskopf – Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST
- 4) Rosângela Stange – Coordenação de Gênero da IECLB
- 5) Eliene Amorin – representante da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do estado do Rio Grande do Sul
- 6) Rosângela Angelin – Marcha Mundial de Mulheres
- 7) Sandra Duarte de Souza –Netmal/Mandrágora, Universidade Metodista de São Paulo
- 8) Maria del Socorro Vivas – Pontífica Universidad Javeriana de Colômbia
- 9) Tirsia Ventura – Universidad La Salle/Universinad Nacional de Costa Rica
- 10) Ketlin Lais Schuchardt – Estudante do Bacharelado em Teologia da Faculdades EST
- 11) Francisca Nezello – Ordem das Irmãs de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho



↳ Sandra Duarte de Souza e
Rosângela Angelin

Apresentação homenageada

Por motivos de saúde, Ivone Gebara acompanha a cerimônia de sua casa. Nos últimos meses temos nos correspondido com Ivone que sempre demonstrou grande alegria pela homenagem prestada pela Faculdade EST. Em uma de suas correspondências afirmou: “A única coisa que acho importante é que esse título seja coletivo. Se não fosse a luta de tantas mulheres por seus direitos e por fazer teologia desde sua realidade não teríamos chegado onde chegamos. Cada uma deu algo de si, partilhou, sofreu para abrir alguns novos caminhos”. É nesse espírito que nos encontramos nessa noite para celebrar.

Para trazer a imagem e a força de Ivone Gebara para perto de nós compartilhamos algumas falas da mesma recortadas de vídeos disponíveis na internet e enviados pelo amigo Martin Islas.



Eu entrei em uma congregação religiosa e estudei filosofia antes, já tinha estudado filosofia, estudei teologia, trabalhei durante mais de 30 anos no Recife com Dom Hélder Câmara no Instituto de Teologia do Recife, e agora eu sou uma filósofa e teóloga freelancer, andando por muitos lugares, aposentada do universo acadêmico, mas atendida nos problemas da Igreja e da sociedade, da sociedade e da Igreja, e assim por diante.¹

Eu faço provocações, provocações a uma teologia tradicional que exclui as mulheres como sujeitos de reflexão, de pensamento e de poder. E essa provocação a um pensamento religioso, e eu diria um pensamento que foi estruturado ao longo dos anos sob o signo da culpa, comandado pelos homens e que se manteve até hoje e se mantém até hoje.²

¹ Fragmento do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bfm-p-tonnU>>. Acesso em: 2 Set. 2014.

² Fragmento do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WWxyANvsmDU>>. Acesso em: 2 Set. 2014.

*Que a representação do divino, a representação oficial do divino é masculina, então isso cria para as mulheres muitos problemas, dos quais nós não estávamos conscientes. Nós mulheres. Foi mais ou menos a partir da década de 80, com a volta, digamos, de uma segunda onda feminista aqui no Brasil, que também teólogas como eu e filósofas, começamos a nos meter nesse trabalho de repensar, então, por que a imagem do divino tem que ser masculina?*³

*Eu me proponho a ajudá-las e ajudá-los a compreender um pouco o que significa essa expressão: teologia feminista. Essa expressão que começa a entrar no vocabulário das agentes de pastoral, dos agentes de pastoral e começa pouco a pouco a modificar comportamentos, começa a criar perguntas, a incentivar novas lutas em favor da igualdade entre mulheres e homens na sociedade e na Igreja.*⁴

*E o processo resultou que eu era muito ingênua e que eu era muito boa pessoa, mas muito ingênua e que precisava ser praticamente reeducada. Então me fizeram estudar de novo, o que foi muito bom e conheci gente maravilhosa. E ao contrário de me apagarem, acho que eu fiquei um pouco mais visível por causa disso.*⁵

Muitas pessoas, inclusive nos meios intelectuais, julgam, consideram que o feminismo já não tem mais razão de ser, que as mulheres já estão libertadas, já vestem calças como os homens, já estão nos trabalhos, já são inclusive Presidentas da República, como aqui no Brasil e também alguns anos atrás no Chile. E que en-

³ Fragmento do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bfm-p-tonnU>>. Acesso em: 2 Set. 2014.

⁴ Fragmento de vídeo enviado para o Programa de Gênero e Religião pelo Sr. Martin Islas.

⁵ Fragmento do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bfm-p-tonnU>>. Acesso em: 2 Set. 2014.

*tão já temos conquistado os lugares culturais, políticos e sociais e que o feminismo já não tem razão de ser. Estou segura de que a missão não terminou, estou segura de que temos que seguir. E temos que seguir porque a história humana nos mostra que as novas formas de opressão, as novas ditaduras aparecem e exigem que a justiça que vive em nós, a justiça que está dentro de nossas entranhas, siga sendo a rota das filhas, das netas, dos netos, dessas mães e de outras tantas mães.*⁶

Abertura solene

Senhoras e senhores,

Na qualidade de Presidente do Conselho de Administração da Faculdades EST declaro aberta esta Sessão Solene de outorga do título de Doutora *Honoris Causa* à Ivone Gebara. Saúdo todas as pessoas que aceitaram o nosso convite, o convite de nossa Instituição de Ensino, para participar deste momento tão importante para todos nós. Em uma frase, eu, como presidente do Conselho, vejo em Ivone Gebara um exemplo, um paradigma da teologia da fé vivenciada dentro de um contexto que exigia a inclusão, que exigia a prática do amor infinito de Deus em Jesus Cristo, justamente em momentos, em situações de exclusão, ou como eu gosto de dizer: de pecado agressivo, em especial em relação às mulheres. Falamos muito em gênero, direitos iguais de gênero, mas falamos muito pouco em números. Basta olhar para a política brasileira e ver quão pequeno é o número de mulheres engajadas na vida pública brasileira a nível local, estadual e nacional. Bem vindos, pois, a este momento importante desta pessoa, cuja ação vivencial da fé honramos com o título de Doutora *Honoris Causa*. Muito obrigado.

Sr. Hilmar Kannenberg - Presidente do Conselho de Administração da Faculdades EST

⁶ Fragmento do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9k5nrcC0Tf0>>. Acesso em: 2 Set. 2014.

Saudações

Boa noite amigos e amigas desta causa que nos reúne. [Começa com um problema porque a gente não tem palavra formal para essa situação]⁷. Saúdo a todos que estão aqui na frente de frente pra vocês. A concessão de um título honorífico pela EST, à doutora Ivone Gebara, em primeiro tem que ser dito que é uma concessão de título a uma causa, uma causa justa que se corporifica em pessoas, como o Verbo se faz carne e passa a viver entre nós. O Conselho de Administração acolheu a causa das mulheres sofridas, humilhadas e oprimidas, aceitando a proposição do Programa de Gênero e Religião da EST, para que concedêssemos a Ivone Gebara esse título honorífico. Portanto, como disse a recém, é um título concedido a uma causa, uma causa que precisa envolver muito mais gente do que foi envolvida até hoje, na superação da violência contra as mulheres e as crianças, na superação da desigualdade de gênero. Sua ausência pessoal em nosso meio se fortalece com a causa que aqui está sendo celebrada. Com isso estamos dizendo, com as palavras finais do Pai Nosso - “pois Teu é o Reino, o poder e a glória” - é “o poder e a glória” para uma causa. Uma causa cujo poder se aperfeiçoa na fraqueza, conforme o apóstolo Paulo. Então nós estamos nessa noite, como instituição, como Faculdades EST, concedendo um título honorífico a uma causa com a qual a Ivone Gebara se confunde, não como representante, não como símbolo, mas como encarnação de uma proposta. Estamos fazendo isso dentro de um Congresso Internacional da EST que permite, e assim eu finalizo, com o exemplo apresentado hoje de manhã pelo professor Valério, a respeito da mídia, da comunicação e da religião, onde ele cita uma inteligente história de Žižek, que eu quero atualizar para esse momento. Disse ele, hoje de manhã, que um operário foi enviado para a Sibéria como castigo por causa de sua



⁷ Referência à disposição do espaço.

luta. Ele combinou com a família que se escreveria uma carta em azul, com a caneta azul, era verdade, porque as cartas eram abertas. Se escrevesse em vermelho, era mentira. Veio a primeira carta, escrita em azul, dizendo mais ou menos o seguinte: aqui é um lugar muito bonito, tem cinema toda noite, tem boa comida, pouco tempo de trabalho, as pessoas vivem felizes, tem tudo o que nós precisamos, só não tem caneta de tinta vermelha. Eu quero transportar esse exemplo para este momento e encerro a minha fala. Talvez Ivone Gebara, na sua história, pudesse dizer o mesmo: aqui tá tudo muito bem, os homens e as mulheres se amam, não há hierarquia entre homem e mulher, não há violência, não há injustiça nas relações entre gêneros, há muita verba pública pra tratar as mulheres sofridas e violentadas. Aqui há tudo o que a nossa causa quer, só não tem caneta vermelha. Eu acho que ela rompe o silêncio, essa história nos mostra como ela rompe o silêncio e, à moda do Apocalipse, essa história recria uma linguagem necessária para desconstituir o poder patriarcal. Que seja essa causa, hoje à noite, que receba, na ausência da Ivone, o título honorífico por parte da EST. Obrigado.

Prof. Dr. Oneide Bobsin
Reitor da Faculdades EST





Boa noite.

Como esse momento aqui está quebrando vários paradigmas, sendo justo com a pessoa homenageada, professora Ivone Gebara, eu não vou saudar - porque nós nem temos mesa - eu não vou saudar vocês em nome da mesa, nem das autoridades, mas eu gostaria de saudar a todos vocês, todos e todas que chegam aqui nessa noite, em nome da Comissão Organizadora do Congresso, começando pelas estudantes, pelos estudantes,

que organizaram, que prepararam esse lugar também e têm trabalhado durante todos esses dias para que a gente tenha o Congresso acontecendo. Então em nome deles e delas saúdo a todos vocês que aqui vêm, que aceitaram o convite para esse momento tão especial. Sejam bem vindos e bem vindas.

Vocês já disseram num determinado momento que nós devemos nos sentir em casa. E realmente nós desde que entramos no auditório - a gente não se sente muito bem num auditório, mas - a gente se sente realmente em casa, numa sala, numa cozinha, conversando com as pessoas, ouvindo boa música e isso é extremamente agradável. Eu falava no início, na abertura, que um Congresso é feito justamente aproveitando brechas, quebrando sistemas, quebrando padrões. Nós temos muita esperança de que, justamente com o nosso tema “Religião, Mídia e Cultura”, a gente consiga quebrar padrões e entrar nas brechas de termos e descobrir lá onde está a vida. No momento em que vocês constroem esse lugar aqui - foi toda uma comissão que trabalhou para organizar esse lugar - fazendo não um lugar formal, mas fazendo um pouco uma casa, vocês estão justamente dentro do espírito que a gente pensa para o Congresso, de criar espaços onde a gente possa, através das ideias, mas aqui concretamente através do espaço, quebrar paradigmas, quebras padrões, experimentar algo novo. Nos simpósios que eu tenho participado - são tantos, eu participei de dois, ontem e hoje - uma das discussões que mais forte apareceu - e a gente sabe dessa ideia, mas a gente sempre esquece dela de novo - é: teologia e vida não são duas coisas, são a mesma

coisa. Enquanto a teologia não sair da vida e voltar para dentro da vida, não estiver entrelaçada com a vida, ser parte da vida, a teologia vai continuar sendo algo que serve para boas ideias, serve para separar pessoas, mas não serve para aquilo que ela realmente deveria existir, pra ajudar a viver. Então no momento em que a gente se reúne para homenagear Ivone Gebara, não num auditório, mas dentro de uma casa, onde é o lugar da vida, aí a gente começou já muito bem esse momento. Então é uma grande alegria poder realmente celebrar esse momento aqui.

Com essa casa que aqui estamos e com essa possibilidade de quebrar o padrão, que é o que ela propôs durante a vida inteira, eu desejo que essa cerimônia traga para esse espaço, para esse momento - não tem como trazer a Ivone pra cá, mas - que através do que a gente está fazendo aqui, a gente consiga, a gente ajude a trazer as suas ideias, as suas provocações, a sua denúncia, os seus sonhos. E que esses sonhos, denúncias, provocações não fiquem aqui, mas que eles possam ir com cada um de nós e nos instigar para viver e fazer teologia misturada com vida. Que assim seja. Obrigado.

Prof. Dr. Júlio Adam

Coordenador Geral do II Congresso Internacional
da Faculdades EST

Laudatio

por André S. Muszkopf

Elogio, louvor, reconhecimento, homenagem.

Nos encontramos nesse ambíguo lugar entre reafirmar as estruturas de saber e poder que produzem e reproduzem as desigualdades e desestabilizar essas mesmas estruturas e seus mecanismos. Disputa. O exato momento entre sentir o rosto corar pela sensação de desconforto – seríamos dignas de tamanho apreço? – a fricção espontânea dos dentes cerrados como reação à suspeita do perigo de assimilação – estaríamos mesmo afirmando as estruturas que questionamos? – o sorriso largo e o relaxamento dos ombros pela certeza de que é bom, justo e necessário!

Me encontro eu mesmo nesse lugar ambíguo: homem, branco, com formação superior e títulos acadêmicos com plena consciência dos privilégios que esses marcadores garantem nesse mundo de desigualdades, injustiças e violências. Mas são minhas esquisitices, estranhezas e excentricidades que me colocam ao lado de Ivone e de tantas companheiras que buscam desafiar essas desigualdades, injustiças e violências que marcam nossos corpos. Assumo esse lugar com tantas companheiras feministas com quem aprendi a desconfiar de elogios, louvores e laudações que reforçam o espaço restrito de mobilidade que determinam os padrões de gênero e todos os demais. Nossas senzalas.

Lançando mão de “táticas de ocupação temporária”¹ nos colocamos aqui para o elogio da luta feminista, o



¹ ALTHAUS-REID, Marcella. *The Queer God*. London: Routledge, 2003. p. 8.

reconhecimento de quem caminhou e caminha conosco nessa luta, o louvor e agradecimento por nossas pequenas-grandes vitórias – nós temos um passado, um presente e um futuro! Genealogias de resistência, luta, solidariedade e justiça.

Regina, Zeca, Yury, Marta, Sandra, Marilu,
Coca, Teresa, Myriam, Josefa, Rosangela,
Paulina, Liliana, Clara, Rosa, María, Aidé,
Magdalena, Kelly, Graciela, Jaiane...

Católicas! Pelo direito de decidir!

Ivone.

Circulando nas diásporas do conhecimento, nas margens dos poderes estabelecidos, nas brechas que abrimos, com unhas e dentes, ocupamos, resistimos e produzimos formas de vida, saberes diversos e projetos de um futuro bom. Nessa ocupação nos encontramos com Ivone Gebara. Contam-nos currículos, apresentações, orelhas (de livros) e outras partes mais “decentes” do *corpus* acadêmico e intelectual que: Ivone Gebara nasceu em 9 de dezembro de 1944 em São Paulo, filha de imigrantes sírios e libaneses. Estudou filosofia e, em 1967, ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho. Também estudou teologia. Doutorou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain. Em 1973 mudou-se para o Recife e atuou por 17 anos no Instituto Teológico do Recife (ITER), até o seu fechamento em 1989. Também atuou no DEPA (Departamento de Pesquisa e Assessoria) na formação de agentes de pastoral para o meio popular.

Em 1995, foi instruída pelo Vaticano a manter silêncio obsequioso por dois anos, período em que escreveu *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*². Em 2012, Ivone Gebara proferiu conferência em uma das Sessões Plenárias da Academia Americana de Religião, intitulada “Conhecendo o humano, conhecendo o divino para o humano: Perspectivas das es-

² GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

quinas vulneráveis do mundo de hoje”³. Desde o fechamento do ITER atua como professora convidada em diversas universidades e grupos, como conferencista, palestrante e assessora. É autora de mais de 30 livros e inúmeros artigos publicados em português, espanhol, francês, inglês e alemão.

Ivone participou do enfrentamento à Ditadura Militar no Brasil, na formação das Comunidades Eclesiais de Base e na formulação da Teologia da Libertação. Entra para os compêndios como teóloga e filósofa brasileira, latino-americana, feminista e ecofeminista. Com ela somos muitas!

Elsa, Tânia, Maria, Nancy, Silvia, Ute, Irene,
Clara, Tirsa, Marcella, Mercedes, Soave, Ma-
ricel, Lúcia, Luzmila, Genilma, Cristina, Ali-
cia, Sandra, Marli, Agostinha, Alzira, Odja,
Luiza, Kirenia...
Latino-Americanas! Teólogas! Feministas!
Ivone.

A formação e atuação de Ivone Gebara estão marcadas pela vida compartilhada com as comunidades pobres, de modo especial na periferia de Recife, e muitas histórias. No livro *A mobilidade da senzala feminina*⁴ conta e reflete sobre as histórias de mulheres nordestinas, suas senzalas, suas formas de mobilidade em busca de vida melhor. A vivência, solidariedade e visibilização dessas histórias e de tantas outras compõem um legado de Ivone no encontro com o feminismo. O próprio feminismo um processo de aprendizado no caminho para a liberdade.⁵ Como ela mesma muitas vezes narra, o trabalho com comunidades empobrecidas, o envolvimento com a Teologia da Libertação e os movimentos sociais não necessariamente vieram acompanhados da discussão e militância feminista organizada. Foi o confronto com

³ Vídeo disponível em: <http://vimeo.com/58462020>. Acesso em: 27 Nov. 2014.

⁴ GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

⁵ GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

a realidade de mulheres que a aproximou do feminismo, como movimento e reflexão crítica da situação das mulheres, na filosofia e na teologia.

Em publicação recente, Margareth Rago conta a trajetória do feminismo brasileiro através das narrativas de vida de seis mulheres. Em *A aventura de contar-se*⁶ analisa relatos autobiográficos enriquecidos com entrevistas e outros materiais, não no modelo tradicional das grandes narrativas fundamentadas em atos heróicos e momentos lineares de bravura e valentia patriarcal, mas a partir das “invenções da subjetividade” dessas mulheres que compartilham uma mesma cronologia e várias outras situações. Em uma das passagens, Ivone Gebara, uma das seis mulheres através das quais é contada a história do feminismo no Brasil, relata um episódio chave na sua trajetória de luta com as mulheres:

... eu costumava dar aulas para um grupo de operários da Cidade do Cabo em Pernambuco, na Zona da Mata, a uma hora de Recife, uma vez por mês, à noite. E a esposa do operário, na casa do qual a gente se reunia, nunca vinha, até que uma vez eu fui vista-la e disse: “Mas, Teresinha, por que todas as vezes eu chamo você e você não participa? Fico uma mulher sozinha com dez, ou doze, às vezes quinze homens, e você nunca vem”, e ela me respondeu: “Sabe por que? Porque você só tem assunto de homem e você só fala língua de homem”. Me senti ofendida: “Me explica, o que é isso?”, tentei me defender e ela me disse: “Olha, você por acaso fala de criança, da educação dos meninos, de como tudo fica nas costas da gente? Não, você fala de sindicato. Você fala do que a gente luta pra comida chegar até o final de semana? Não, você fala de salário...”. Ela me deu um baile! “Você fala de sexo? Você fala que a gente às vezes não gosta de sexo? Você não sabe de nada! Você falou da sexta-feira?” “Da sexta-feira? Nem sei por que tem que falar da sexta-feira”, eu disse. “Porque o pior dia pra mulher de operário é sexta-feira, porque eles só recebem no sábado e na sexta-feira você tem que inventar uma mistura pra pôr

⁶ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos*, escrita de si e invenções da subjetividade. São Paulo: Unicamp, 2013.

com o arroz e feijão e, às vezes, até o feijão acabou. Você não fala da sexta e quem tem que fazer isso somos nós...⁷

Margareth assim descreve Ivone:

De origem sírio-libanesa, Ivone tem os olhos grandes e claros, trazendo uma expressão facial bem definida, como uma filósofa que sabe organizar o pensamento e traduzir as coisas difíceis com simplicidade. Firme e doce, ocupada com as questões religiosas e feministas, tenta abrir a Igreja e a religião para os problemas deste mundo, para escutar as vozes dos oprimidos, em especial as das mulheres. Escreve continuamente tanto textos teóricos, como uma filósofa, quanto poemas, que não gosta de mostrar. Simples e despojada, como se espera de uma freira, mas longe do que se imagina, é uma freira socialista e feminista.⁸

De feminista para feminista, eis o elogio da importância de Ivone Gebara para o feminismo no Brasil, com sua indelével e atuante participação desde o seu lugar de vida e atuação. Como ela e com ela muitas descobrimos e construímos os feminismos nossos de cada dia, na rua, na chuva, na fazenda e na teologia. Em qualquer lugar onde haja violência e injustiça.

Mary, Dorothee, Elisabeth, Judith, Emilie,
Nancy, Rosemary, Mônica, Sarodini, Catherine,
Mercy, Musa, Aruna, Lieve, Louise, Beverly, Catie...

Mulheres do mundo! Feministas! Teólogas!
Ivone.

A história e trajetória de Ivone Gebara estão misturadas em seus livros, seus escritos, suas falas. Há conquistas, derrotas, lutas! Tudo marcado em seu corpo, às vezes forte, às vezes frágil, sempre necessário. Em cada um de seus livros, em cada uma de suas falas e também nos seus silêncios estão pedaços inteiros do seu encontro consigo, com as outras pessoas, com o mundo e com o sagrado. Relações em construção. Ambíguas, contraditórias,

⁷ RAGO, 2013, p. 125-126.

⁸ RAGO, 2013, p. 37-38.

imprevisíveis e provisórias. Não há teologia fora da experiência da teóloga e seus múltiplos encontros. A teologia que se faz na vida, na luta e na celebração.

Assim, para diferentes gerações Ivone oferece e empresta palavras que nos ajudam a dizer o mundo:

“Teologia *em ritmo* de mulher”⁹

“As *incômodas* filhas de Eva”¹⁰

“A *mobilidade* da senzala feminina” e a *mistura* como conceito antropológico¹¹

“Uma *fenomenologia* feminista do mal” e a *fenomenologia* pessoal¹²

“A *sede* de sentido”

Encontrar-se a si mesma nas “*Águas do meu poço*”¹³

A *biodiversidade* religiosa de uma “Teologia ecofeminista”¹⁴

“O que é...”, “O que é...” teologia feminista, cristianismo, saudade¹⁵

“Epistemologias da vida *ordinária*”¹⁶

⁹ GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de Mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994.

¹⁰ GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.

¹¹ GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

¹² GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹³ GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

¹⁴ GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

¹⁵ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007; GEBARA, Ivone. *O que é cristianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2008; GEBARA, Ivone. *O que é saudade*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

¹⁶ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (orgs). *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 31-50.

Suas palavras nos enchem a boca, nos alimentam de esperança, nos apontam para possíveis caminhos. São diálogo.

E com a mesma generosidade, Ivone nos empresta seus silêncios ... impostos ou escolhidos, silêncios ... procurados ou ressignificados, silêncios ... desejados ou necessários, silêncios ...

Com ela falamos e buscamos encarnar provisoriedade, ambiguidade, imprevisibilidade... o eterno efêmero. O gozo misteriosamente efêmero. *Laudatio honoris causa!*

Haidi, Wanda, Lori, Maristela, Edla, Marga,
Elaine, Márcia, Anete, Renate, Lilian, Mara,
Claudete, Nivia, Irene, Rosangela, Marli,
Amanda, Daniéli, Luciana, Sabrina, Adriana,
Marcia, Daniela, Elisa, Ketlin...

Mulheres na EST! Feministas! Teólogas!

Ivone.

Foi na década de 1950 que as primeiras mulheres começaram a estudar teologia na Faculdades EST. Foi, no entanto, na década de 1980 que sua presença numérica se tornou mais significativa e que elas começaram a se organizar, primeiro na “república de mulheres”, depois no “grupo de mulheres”. Essa organização trazia consigo a discussão do lugar das mulheres na Igreja, no Ministério Ordenado e também na produção do conhecimento teológico bem como na sociedade de modo mais amplo. Em 1987 essas mulheres conviveram com Ivone Gebara nessa instituição durante uma semana, quando ela ministrou cursos, proferiu palestras, escreveu artigos sobre Teologia Feminista. Relatos de inúmeras companheiras que conviveram com Ivone nos dormitórios da instituição durante esses dias dão conta do impacto de sua presença em suas vidas, em sua caminhada teológica e na própria instituição. Alguns anos mais tarde, como consequência do movimento estudantil, a Cátedra de Teologia Feminista se tornaria realidade e a primeira professora de teologia feminista, Wanda Deifelt, passaria a atuar na instituição.

Ao longo dos anos, Ivone Gebara caminhou junto e alimentou a teologia feminista produzida na Faculdades EST. Em 2006, foi conferencista no II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, organizado pelo Núcleo de Pesquisa de Gêne-

ro. Sua fala, em texto, se tornou um mantra para muitas de nós: epistemologia da vida ordinária. E é assim:

Pensemos num homem nordestino subindo num altíssimo coqueiro para colher cocos. Há entre ele e o coqueiro uma espécie de convivência, de cumplicidade e de segurança. Ele sobe sustentado pela corda, pela árvore, por seu conhecimento e pelo gingado de seu corpo em equilíbrio. Ele não saberia traduzir esse conhecimento em leis físicas [...]. Se esse gesto do colhedor de coco [ou das bordadeiras] existisse apenas como fórmula matemática, a própria ciência não se sustentaria, a vida perderia sua graça e sua riqueza.¹⁷

E também fala da sexualidade:

Ela tem algo de originário, de pessoal e de conjunção com outra pessoalidade semelhante à nossa que escapa às análises científicas e aos dogmas religiosos. Como fiz Chico Buarque, ela atravessa emoções “desconhecidas por Deus Pai”. Atravessa lugares ocultos ao Deus todo-poderoso, entra em labirintos imprevisíveis, abre-se em explosões inesperadas.¹⁸

Em 2011 as Católicas pelo Direito de Decidir do Brasil e Colômbia organizaram um Seminário Internacional, facilitado por Ivone Gebara e relatado no livro *Tejiendo sentidos*.¹⁹ Durante três dias Ivone nos conduziu por reflexões que foi construindo ao longo da vida e que muitas vezes questionavam ideias assentadas por uma militância ativa e constante. Foi um encontro difícil, às vezes duro, daqueles que só é possível realizar entre companheiras cúmplices na caminhada, capazes de se abrir e compartilhar desde os lugares mais íntimos e vulneráveis. Ivone era e é uma de nós. E a Teologia Feminista e a Teologia da Libertação latino-

¹⁷ GEBARA, 2008, p. 34.

¹⁸ GEBARA, 2008, p. 36.

¹⁹ CATÓLICAS POR EL DERECHO A DECIDIR – BRASIL Y COLÔMBIA. *Tejiendo sentidos: feminismos y búsquedas teológicas*. Montevideo: Doble clic, 2011. Disponível em: <http://catolicas.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Livro-TejiendoSentidos.pdf>. Acesso em: 27 Nov. 2014.

americanas se fazem assim: partilhadas, desde as múltiplas experiências de vida, com ousadia e coragem.

E se tudo isso não bastar, será suficiente simplesmente dizer:

Laudatio: Ivone Gebara! Ivone Gebara! Ivone Gebara!
Doutora! *Honoris Causa*!



Toga, Diploma e Placa

Toga

As vestes talares geralmente são utilizadas para diferenciar as funções desempenhadas em ofícios e liturgias. Também nessa Sessão Solene, apresentamos as vestes usadas para investir aqueles e aquelas que têm recebido o título de Doutor e Doutora *Honoris Causa* como forma de reconhecer a liderança desempenhada por Ivone Gebara e que é motivo dessa homenagem.

Considerando o caráter coletivo dessa homenagem e deste reconhecimento, conforme a própria solicitação de Ivone, apresentamos um manto produzido por integrantes do Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades.

Boa Noite. Nós trabalhamos alguns dias pensando no que ela pediu, que fosse um “Doutor/a Honoris Causa” coletivo. E essa ambiguidade que já foi destacada aqui, de que is-

so aqui pode parecer uma casa, mas também pode parecer um auditório muito, muito acadêmico, nós pensamos que a costura, o fio, o trabalho manual, aquele que aquela senhora falou para Ivone, dizendo pra ela que ela estava deixando de lado, faz parte um pouco desse nosso exercício. Trabalhamos algumas tardes, algumas pessoas trouxeram o “seu pedaço” já bordado ou desenhado e eu lembrei – quando vi isso aqui pronto, eu lembrei – do filme “Colcha de Retalhos” e fiquei agora todo o tempo com ele assim, agarrado. Porque tem uma cena muito linda no filme que depois que a colcha está pronta, segundo a tradição daquelas mulhe-



res, tinha que dormir com a colcha. Porque todas as coisas, os sonhos, as coisas boas, tinham esse sentimento pra ficar grudado naquela colcha. Então, com certeza, se todo mundo pudesse agarrar um pouquinho esse pedaço aqui, iria fazer isso agora, mas a gente representa um pouco esse exercício também, esse abraço. Então é isso, é um pano muito nobre, delicioso e que foi feito aos poucos. Foi feito em tardes com algumas mulheres e alguns homens. E alguém teve que juntar os pedaços, porque sem juntar os pedaços e costurá-los... É um trabalho um tanto quanto solitário, que foi o da Marcia Blasi. Ai a gente fez...



Essa é a ideia: de que muitos trabalhos, eles são feitos no silêncio e eles também aparecem de outras formas, e todos nós somos artífices. Ivone, muito obrigada. Ivone artífice. Muitas mulheres artífices, não acabamos, não paramos e vamos continuar.

Profa. Dra. Edla Eggert - Integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero

Diploma

Faculdades EST tem a honra de conferir a doutora Ivone Gebara, o título de Doutora *Honoris Causa*, em reconhecimento pela sua contribuição para a garantia de dignidade de mulheres a partir de uma ação e reflexão teológica e filosófica, comprometidas com a construção de relações justas e igualitárias de gênero, para mulheres e homens em todos os âmbitos.

São Leopoldo, 10 de Setembro de 2014.

Placa

À doutora Ivone Gebara
Em reconhecimento e gratidão pelo testemunho profético através de sua vida e obra, dedicada à defesa da dignidade das mulheres e a construção de relações justas e igualitárias, a partir da ação e reflexão teológica comprometida com as pessoas empobrecidas. A Faculdades EST outorga o título de Doutora *Honoris Causa*.



Discurso

por Ivone Gebara¹

Queridos amigos e amigas,

Pensando na forma de agradecer a Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (EST) e a muitos de vocês por ocasião da indicação de meu nome para receber o título que me é concedido, busquei no velho baú de minha memória, inspiração. Viajei na lembrança por muitas situações passadas, reví rostos familiares e lembrei-me dos cursos e encontros em muitos lugares e particularmente em São Leopoldo. De repente e de forma inusitada vieram-me ao espírito as 95 teses de Lutero. Não sei bem a razão de elas terem invadido meu pensamento. Pedi então ajuda ao Google e em um minuto elas estavam diante de meus olhos. Gostei de reler as teses e pude então ter alguma clareza sobre as associações que me invadiram. Sem dúvida uma associação não é uma interpretação, mas um pretexto para reunir e desenvolver pensamentos, talvez até sentimentos meio dispersos que pouco a pouco vão se amarrando e construindo sentidos provisórios.

Em 1517 o monge Martinho Lutero afixa na capela do Castelo de Wittenberg suas célebres 95 teses contra a política das indulgências promovida pelo papa e difundida por muitos clérigos. Esta história é bem conhecida de vocês. Mas, estou segura de que vocês devem estar estranhando a referência a esse fato com a entrega do título de “doutora *honoris causa*” que nesta noite me é concedido. Sem dúvida, nenhuma das 95 teses de



¹ Pronunciamento escrito e enviado pela Doutora *Honoris Causa* Ivone Gebara e lido na cerimônia pela estudante do Bacharelado em Teologia Ketlin Schuchardt.

Lutero se refere ao feminismo, à teologia feminista e nem à dignidade das mulheres na Igreja. Entretanto, no claro e escuro de meu pensamento tentei perseguir algumas das pistas que provocaram minhas associações livres. São essas associações tecidas de lembranças e de emoção que partilho com vocês.

Começo com uma constatação: hoje é a comunidade teológica luterana que primeiro publicamente dá às teólogas feministas especialmente do Brasil o reconhecimento público de seu trabalho ao longo de quase 40 anos. Com essa posição, de certa forma, rebela-se diante das práticas de exclusão das mulheres como sujeitos de igual direitos na sociedade e nas Igrejas. E essa rebelião é uma forma de denúncia e ao mesmo tempo um reconhecimento do labor das mulheres que se estende a todas as confissões cristãs e a muitos lugares da América Latina e do mundo.

Desde o início a luta teológica feminista em nosso continente se deu em campos ecumênicos onde o mais importante era a causa da dignidade humana feminina diminuída pelas estruturas patriarcais em vigor. E sabemos bem que a causa da dignidade feminina é igualmente a causa da dignidade masculina visto que somos essa complexa realidade sexuada e situada na diversidade das expressões da vida. Na perspectiva da interdependência, o desrespeito a um grupo é desrespeito a toda a humanidade. Da mesma forma, tudo o que fizermos em vista do bem comum atinge o conjunto da humanidade mesmo que isso não seja percebido no imediato da vida cotidiana.

O problema hoje certamente não é o mesmo do século XVI quando Lutero se enfrentava à questão das indulgências. Estas eram formas de manter um indecoroso comércio de favores espirituais criados para obter regalias financeiras e para a construção da catedral de São Pedro em Roma. Hoje, o problema e o desafio das mulheres que gradativamente vem tendo reconhecimento público é no fundo o de sua luta contra a consideração de uma 'natureza' feminina inferior à masculina e suas consequências na cultura, na vida social e na vida das igrejas cristãs. A meu ver, a luta contra as indulgências pode ser lida na contemporaneidade como sendo, entre outras coisas, contra a postura de conceder favores às mulheres mais do que reconhecer-lhes os mesmos direitos na diferença de contextos e culturas. Não queremos in-

dulência, mas a possibilidade de afirmar nosso chamado à liberdade nas diferentes instâncias sociais e instituições religiosas. Não buscamos concessões nem favores para consolar-nos de nossa condição. Não buscamos privilégios dentro dos sistemas autoritários vigentes. É o progresso em humanidade e o compromisso do amor a si e ao próximo que tem motivado as lutas e a produção teológica das mulheres. Pensar a vida a partir de nosso cotidiano, das feridas de nossos corpos, das situações constrangedoras que somos obrigadas a suportar torna nossa teologia não em primeiro lugar um ato de reflexão teórica sobre Deus e o mundo, mas a expressão das histórias concretas e sofrimentos que vivemos no dia a dia. Torna-a igualmente expressão da força vital que promove a manutenção e o crescimento da vida. E, creio que aí está uma chave de minhas associações às teses de Lutero, pois ele via na prática das indulgências um aviltamento da condição e da responsabilidade humana. O reconhecimento das lutas feministas e nelas da teologia feminista é um direito de cidadania numa sociedade pluralista como a nossa. É também uma forma de coerência com o Evangelho de Jesus lido a partir de nossos tempos.

Acolher o fato de que continuamente estamos encontrando formas de dominar os outros e de diminuir seus direitos em benefício próprio ou de uma elite é um grande progresso. Nessa linha reconhecer a existência da dominação das mulheres nas suas diferentes expressões e lutar para a mudança dessa situação é um premente apelo de nosso tempo. O direito das mulheres poderia até ser incluído como a *nonagésima sexta tese* da tradição de Lutero, visto que em grande parte sua rebelião é também a nossa, uma rebelião contra a diminuição da humanidade fechando-a em modelos hierárquicos e em poderes excludentes. A luta das mulheres hoje é uma expressão da história das rebeliões da humanidade em favor da justiça e do amor nas relações humanas.

Não quero discorrer sobre os múltiplos caminhos das teologias feministas em nosso continente, mas apenas chamar a atenção a alguns dos novos perigos que podem ameaçar a luta das mulheres por sua dignidade. E um desses perigos está na possível instrumentalização das lutas feministas como se fossem algo já conquistado ou um direito já adquirido particularmente nas Igrejas. Nossa sociedade de consumo veicula hoje uma imagem de

mulher livre, ou seja, identificada às forças do mercado, sobretudo como consumidora dos novos ideais e artefatos criados para as mulheres. A dominação é tão forte e envolvente que não conseguimos na maioria das vezes denunciá-la como tal. Quanto às Igrejas, estas estão convencidas de que são “profissionais” na prática do bem e da justiça e correm o risco de valorizar mais seus discursos e títulos honoríficos do que as dores reais das mulheres. Uma é a aproximação teórica de um problema. Outra é a vivência, a proximidade, a experiência partilhada das dores alheias. Uma forma é discorrer sobre as lágrimas vertidas pelo próximo. Outra é enxugá-las. Não seria possível unir esses dois aspectos a fim de educar-nos para novas relações humanas?

Já há décadas estamos assistindo a uma sensibilização maior nas igrejas em relação a algumas questões que tocam de mais perto a vida das mulheres. Congressos, encontros internacionais e nacionais, verbas especiais, textos de autoridades religiosas têm povoado o cenário de nossa história contemporânea. Aparentemente esse progresso pode ser lido como positivo, mas não deixa de ser um risco, pois muitos ficam numa retórica bem construída a partir da qual se pensa que a luta está ganha com belas palavras. Além disso, hoje vemos muitos de nossos esforços femininos utilizados como conquistas masculinas como se fossem eles os heróis de nossa libertação. Falam de nós, escrevem em nosso nome, nos comparam a anjos do lar ou à humildade e obediência da Virgem Maria. Em outros termos, usam do artifício da indulgência em relação a nós mulheres como forma de autopromoção masculina e com isso dão sutilmente um brilho a mais ao prestígio do ego masculino. Sem dúvida há exceções, mas chamo a atenção para o perigo da instrumentalização indireta através de práticas de corte patriarcal apresentadas como cumplicidade libertária. Nessa linha os discursos eclesiais são marcados por uma espécie de idealismo em relação às mulheres de forma que apresentam formas elogiosas de referir-se às mulheres que nada mais são do que abstrações românticas ou maneiras de fugir aos reais problemas. As mulheres de carne e osso, com suas grandezas e mesquinhas, com seus sofrimentos e tragédias, com sua responsabilidade na construção da sociedade parecem deixadas de lado. Defende-se uma idéia de mulher assim como uma idéia de

ser humano na maioria das vezes longe do cotidiano de nossas vidas, longe das contradições que produzimos e das muitas violências que criamos ou simplesmente somos cúmplices por omissão.

Confesso a vocês com muita humildade que tal constatação me levou por instantes até a hesitar em aceitar o título honorífico que vocês me outorgam. E foi na reflexão com pessoas amigas que dei o passo da acolhida como sinal de compromisso real da Igreja Luterana com a luta pela dignidade feminina. Não creio que é o momento de falarmos no que significa a dignidade feminina. Entretanto, gostaria apenas de partilhar um sentimento que toca essa questão. Ao afirmar a dignidade das mulheres assim como a dignidade de qualquer grupo que se sente carente desse valor, somos convidadas/os a sair dos modelos pré-estabelecidos, dos modelos idealizados e dos estereótipos de normalidade que estabelecemos. Somos convidadas/os a simplesmente ouvir suas histórias, deixar que contem sua vida como eles e elas as percebem nas suas diferentes formas de expressão. A afirmação da dignidade começa pelo respeito à alteridade, pela acolhida da outra/o como semelhante e diferente de mim. Essa dinâmica entre os interesses do eu e os interesses dos outros tem que ser reavivada em vista do restabelecimento de relações mais próximas entre nós. Sair dos preconceitos, dos dogmas que criam precárias seguranças é abrir-se à pluralidade do mundo com coração cheio de reconhecimento pela frágil beleza de todos os seres. Creio que o Evangelho de Jesus mostra suficientemente a importância das histórias pessoais como fontes de des-ideologização de nossas interpretações, como caminhos de conversão e proximidade uns dos outros. Esse é o único caminho que nos tira do legalismo, do individualismo exacerbado e da violência que nos habita. E, é nessa linha que buscamos defender a causa das mulheres, causa da humanidade, causa que nos honra e nos dá uma identidade social particular. Por isso, a causa que defendemos é honrosa, ou seja, é honrosa porque honra a vida em nós e nos convida a seguir buscando as trilhas do amor e da justiça, apesar das dificuldades de nosso tempo e de nossa resistência às necessárias mudanças. Nessa causa a humanidade e cada uma/um de nós é agraciada por tentar renovadamente honrar ou amar o próximo como a si mes-

mo. Portanto, este título tem uma dimensão coletiva porque inclui a todas e todos que “não fecham seus corações” quando os clamores de mulheres e homens se fazem ouvir.

Termino agradecendo de coração a todas e todos vocês e abraçando-os com amizade e reconhecimento.

Setembro de 2014.

(Terminei de escrever em 12/06/2014)



Primavera²

A primavera é quando ninguém mais espera
A primavera é quando não
A primavera é quando do escuro da terra
Acende a música da paixão

A primavera é quando ninguém mais espera
E desespera tudo em flor
A primavera é quando ninguém acredita
E ressuscita por amor

A primavera é quando ninguém mais espera
E desespera tudo em flor
A primavera é quando não acredita
E Ressuscita por amor

A primavera é quando ninguém mais espera
A primavera é quando não
A primavera é quando do escuro da terra
Acende a música da paixão

A primavera é quando ninguém mais espera
E desespera tudo em flor
A primavera é quando não acredita
E Ressuscita por amor

A primavera é quando do escuro da terra
Acende a música do tesão

² WISNIK, JoséMiguel. *Primavera*. Interpretação: Gingapraquê.

Homømagens



Inicialmente eu quero agradecer pelo convite a mim feito para estar presente nesse momento tão especial para nós mulheres, para nós teólogas, para nós teólogas feministas e também para companheiros na caminhada por um mundo diferente, onde as relações de gênero sejam justas. Trago também a saudação de nosso Pastor Presidente, Pastor Doutor Nestor Friederich, que hoje não pode estar aqui conosco. Gioconda Belli, escritora latino americana,

feminista, em seu livro *Sofia de los presagios*¹ descreve uma cena muito erótica, muito linda, entre Sofia e um homem mais velho. E no momento da aproximação, no momento da sedução, Sofia sente como se “mariposas revoloteasen en su vientre”.

Essa é a imagem que me vem quando penso na importância e na significância da teologia de Ivone Gebara. É o encontro da leitura com sensibilidade do cotidiano com conceitos teológicos antigos, que provocam o novo, o excitante, o erótico carregado de energia e de vida. Ou como escreveu Elisa Lucinda no prefácio do livro *Rompendo o Silêncio*, de Ivone: “Ivone abre brechas para os discursos das frias teorias e aquece chãos, corpos, sonhos nas teologias que não põe ovos, nem dão crias, de tão esterilizadas em universalismos”.²

Ivone marcou profundamente as estudantes de teologia da década de 80 e início de 90 desta instituição. Seus livros, seus

¹ BELLI, Gioconda. *Sofia de los presagios*. Buenos Aires: Seix Barral, 2008.

² LUCINDA, Elisa. Acolhida à ex(?) -exilada abelha. In: GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 12

artigos, seus escritos eram lidos e discutidos nas reuniões dos grupos de mulheres e na aula de teologia feminista. Nós estávamos famintas e sedentas do mel que esta grande mulher produzia a partir do pólen de flores exóticas do cotidiano de mulheres e homens que tinham nome e rosto. Estudar teologia, fazer teologia tornou-se algo excitante. Não se tratava mais de conceitos frios e imutáveis, ou “simples” luta de classe. Ivone e as teólogas feministas nos animavam a levantar o véu e descobrir a vida que ali debaixo pulsava, vidas com suas conquistas e derrotas, com suas alegrias e tristezas, com seus risos e com suas lágrimas. Teologia e Deus tinham rosto, nome, história, cheiro, sabores... E quantas “mariposas revoloteaban en nuestros vientres”.

Sou grata por ser fruto dessa geração. Meu trabalho nas comunidades e como pastora ou agora na Coordenação de Gênero da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, se inspira em você, Ivone, e em todas as mulheres que têm a coragem de produzir e compartilhar desse mel, dessa boa nova tão cheia de vida, tão ousada em um ambiente ainda tão desigual, tão patriarcal. Com você, Ivone, e com todas as mulheres e homens de boa vontade, busco um mundo diferente, onde as relações entre homens e mulheres sejam justas. Obrigada Ivone. Parabéns a você Ivone. E que a sabedoria de Deus, a *ruah* te abençoe e esteja contigo, te sustente e te fortaleça.

Rosângela Stange

Coordenação de Gênero da IECLB

Uma boa noite a todos e todas. É com muita alegria, honra e satisfação que, em nome da Secretária de Justiça e Direitos Humanos, eu trago aqui o forte abraço do Governo do Estado, da Secretária, em nome dos direitos humanos, das mulheres, das crianças, dos negros, da



população LGBT, das pessoas com deficiência, das mulheres, dos jovens. E de uma forma muito especial eu peço licença para mandar um abraço a Ivone, que foi minha professora de teologia e filosofia, lá na década de 85 em São Paulo, quando eu era Irmã Carmelita Missionária de Santa Teresinha. Por meio de suas experiências e das suas inquietações e da boa nova que ela trazia, da vida, da mulher, do homem, da criança e do adolescente, eu me aventurei a trilhar os caminhos dos direitos humanos. Fiz a escolha de vir morar em São Leopoldo e aqui tive outra experiência que me fez estar no lugar em que estou, representando a Secretaria de Estado, por escolher um projeto de vida, um projeto político onde a vida é a plenitude de todas as relações, onde a vida é prioridade absoluta.

E dessa forma entendemos que a Ivone abriu caminhos, ela abriu um véu que estava aquecendo as nossas cabeças e nos fez ver para além daquilo que está posto, as possibilidades que se pode construir quando a cidadania e os direitos humanos são o marco legal da nossa história, da nossa vida e da nossa caminhada. E ainda agradecer aqui, porque faz parte dessa experiência, poder estar nesse lugar, à professora Edla, que nas inquietações lá da UNISINOS também nos disse que militar na educação, que lutar por direitos humanos é estar do lado da vida, é estar do lado das mulheres lá nas comunidades.

Isso eu fui aprendendo, Ivone, por meio dos teus ensinamentos, com a Antoninha, com a Alda e com tantas mulheres, com a Elsa, que me acolheram em São Leopoldo e que me fizeram para além das comunidades, pensar políticas públicas, de Estado para essas mulheres que continuam, por vezes, na invisibilidade, mas querendo muito. Querendo uma Igreja mais justa, mais igualitária. Um Estado que respeite os seus direitos, e que essas mulheres possam construir igualdade de gênero, cidadania e muita vida, muita vida pulsando no coração e na vida.

E por isso elas estão chegando. “Elas estão chegando, pelas portas e janelas, avenidas e vielas, elas estão chegando.”³ Nós já chegamos, estamos chegando e estamos por chegar. Um beijo grande do Governo do Estado, Ivone, pro teu coração, pra tua

³ Trecho de música “Elas estão chegando”.

luta, que essa luta fecunde as políticas públicas desse país. Obrigada.

Eliene Amorin

Representante da Secretaria de Justiça e
Direitos Humanos do estado do Rio Grande do Sul

Ivone, tecelã de vidas...

Um beijo!

Eu queria fazer um pedido, e o meu pedido é o seguinte: que hoje, pelo menos hoje, nosso Hino Nacional seja *Maria Maria* e o nosso Hino à Independência seja *Pagu*.

E o Verbo se fez carne...

A logia de Theos em Ivone se faz da vida encarnada das mulheres, da indignação contra a opressão das mulheres e contra uma teologia da sacralização dessa opressão.

A vida vivida para além das aparentemente seguras paredes do edifício eclesiástico ou acadêmico, com mulheres marginalizadas, no diálogo com o feminismo e em sua encarnação, certamente deve ter lhe rendido um “E fez-se luz!!!”

Paixão

A inviabilidade da encarnação do verbo na teologia tutelada pela Igreja lhe impôs o silenciamento e o exílio. Verbo encarnado? Só se for no Papa! Encarnado nos corpos das mulheres?! Heresia!!!

O silenciamento e o exílio fizeram ecoar a multidão de vozes que a apoiavam: Ressuscita! Ressuscita! E se transformaram em expectativa: Parusia iminente!

Provavelmente Ivone tenha pintado as paredes de sua casa de laranja para, como Adélia Prado, ver o dia constantemente amanhecendo. Talvez tenha olhado para uma pedra em desesperada busca por poesia, mas tudo o que viu foi apenas uma pedra. E não silenciou. Impedida de falar, escreveu. Impedida de falar, nos acessou por outros sentidos.



Ressurreição

Silêncio... Rompendo o silêncio? Ele nunca foi maior que o barulho incômodo de uma freira católica feminista militante!!!

De volta do exílio, a mulher teóloga feminista continuou exilada pelas autoridades religiosas, por colegas teólogos e teólogas, mas foi recebida com ramos e louvações pelas suas muitas mulheres [e homens também]... Acho que é por isso que a ressurreição de Cristo foi anunciada primeiramente às mulheres.

O reencontro de Ivone com as mulheres produziu novas logias de Theos, novos ecos de logia, ecos do feminismo. Inspirando e Con-Spirando por vida além da morte, por encarnação do Verbo, por luz...

Sandra Duarte de Souza

Netmal/Mandrágora,

Universidade Metodista de São Paulo



Eu quero contar uma história que tivemos com Ivone em Buenos Aires, em um curso, faz muitos anos, mas que serviu para transformar a Cátedra de Sacramentos e Liturgia, na Faculdade de Teologia, pelo menos nas que lecionávamos nós, mulheres. Estávamos finalizando um encontro de duas semanas e Ivone tomou o pão, a água e o vinho, o bendisse e repartiu com todas. Havia uma religiosa colombiana que estava muito preocupada pela hora, porque era domingo e queria ir à eucaristia de domingo. Então já muito agitada ela disse à Ivone: “Ivone, mas isso vale como eucaristia ou não?” Ivone disse a ela: “para mim vale, não se a ti”. E esse ato transformou a vida, a parte litúrgica e a maneira como começamos a fazer um caminho de celebração sacramental. A maneira de compreender o mistério de Deus, uma antropologia unitária e tens contribuído muito conosco

na Associação Colombiana de Teólogas e no caminhar da teologia colombiana e latino-americana. Ivone, obrigada.

Maria del Socorro Vivas
Pontífica Universidad Javeriana de Colômbia



Boa noite a todos e a todas. Boa noite Ivone. Hoje nós estamos aqui para homenagear uma mulher, mas como bem dito no início e pela própria Ivone, nós estamos aqui para comemorar, para relembrar uma grande mulher que simboliza todas nós. Que simboliza as lutas feministas, que simboliza as lutas por um mundo melhor, pelos sonhos, que simboliza resistência. E te digo Ivone, que tu estás em lugares muito mais longínquos que imaginas. Por exemplo, no fim de semana passado estavas conosco no encontro de CEBs, onde discutíamos violência e gênero a partir das tuas experiências, a partir das tuas vivências e partilhávamos contigo o que nós também vivenciamos na Igreja, na sociedade e nas Comunidades Eclesiais de Base. Obrigada por isso.

Eu como acadêmica, vivendo nesse mundo em que a maioria de vocês vive, quando se concede um título desses, obviamente é porque tem uma causa muito nobre. E isso serve para nós acadêmicos e acadêmicas termos muito presente que muitas vezes nós vivemos no mundo da teoria e nós pegamos as nossas teorias e achamos que nós devemos ensiná-las ao povo quando, na verdade, a Ivone nos lembra isso sempre, que não devemos fazer assim. Que nós devemos estar com o povo, analisar, vivenciar, criar teorias a partir da experiência, para depois pegarmos essas

teorias e novamente analisarmos elas com o povo. Obrigada por lembrar-nos sempre disso.

Obrigada por tudo que tu representas para nós, a força, a coragem e a resistência com a qual nós seguimos. E obrigada por caminhar conosco, não somente do nosso lado, mas conosco. Obrigada.

Rosângela Angelin
Marcha Mundial de Mulheres

Ivone, meu abraço vem acompanhado das mulheres haitianas, das mulheres dominicanas, das mulheres porto-riquenhas, cubanas, costa-ricenses e muito especialmente das mulheres negras do Caribe e do continente. Porque tu tens sido para todas nós fonte, fonte dinâmica, que com o eco feminismo e com novos paradigmas nos tem permitido beber de nossos próprios poços. Para saborear as águas doces que muitas vezes se misturam com águas amargas, mas que se filtram com nossos corpos, com nossas palavras, com nossos sonhos. Mas principalmente com as rupturas que fazemos, querendo e sonhando novas relações. Querendo e sonhando sociedades sem racismo. Obrigada.



Tirsa Ventura
Universidad La Salle/
Universinad Nacional de Costa Rica



Diante desse auditório, dessas pessoas maravilhosas que estou vendo aqui, pessoas que promoveram esse encontro e esse congresso, eu quero agradecer a Deus por vocês que deram uma força para a nossa querida Ivone. Sou companheira dela há muito tempo. É uma pessoa que luta. E eu sinto essa luta de vocês pra fazer essa caminhada de gênero, para termos um mundo melhor, enfim, pra construir a vida. Eu não tenho muitas palavras. Eu quero agrade-

cer a vocês, e a coragem de ver homens e mulheres aqui lutando juntos para essa caminhada nova. Eu agradeço a vocês que tiveram a coragem e o empenho de dar um título a uma pessoa que está tentando lutar, e que muitas vezes a gente sabe que as águas vêm contra. Mas que tem gente aqui, jovens e gente de idade, que nem eu, que estamos ali ainda lutando com as garras. Obrigada pela força que vocês têm com ela. Eu vou levar o meu abraço e esse carinho todo de vocês e o empenho de continuar essa luta de termos um mundo mais humano, mais irmão e a vida. Obrigada.

Francisca Nezzello

Ordem das Irmãs de Nossa Senhora
Cônegas de Santo Agostinho



25 de agosto de 2014

Caros/as Colegas,

Nos unimos à vocês para honrar Ivone Gebara pelo seu maravilhoso trabalho. É digno e justo vocês oferecerem à ela o título de Doutora *Honoris Causa*, pois ela é uma acadêmica mundialmente renomada, cujo ativismo e liderança espiritual modelam como é ser uma feminista na religião.

Temos trabalhado alegremente com Ivone ao longo dos anos. Nossa colaboração através das Católicas pelo Direito de Decidir estão focadas na justiça reprodutiva para as mulheres na América Latina. Nossa colaboração com a Con-spirando no projeto *Shared Garden*, três semanas no Chile, Brasil, e nos EUA, respectivamente, com dezenas de mulheres, revelou ideias ecofeministas em relação à violência contra as mulheres. Em cada caso, Ivone ofereceu notáveis contribuições.

É claro que seus muitos livros e inúmeras palestras a destacaram. Mas o que realmente faz Ivone única é sua incrível habilidade de "fazer amizade em todas as nações" (Mateus 28:19). Ao fazer isso, ela vive os novos modelos de igreja e sociedade, os quais ela menciona em seu trabalho. Estamos orgulhosas de ser suas irmãs e amigas.

Nos unimos à vocês em fortes coros de Aleluia, em aplauso caloroso para Dra. Dra. Dra. Ivone Gebara. Tenha uma celebração maravilhosa. Nós gostaríamos de estar presentes pessoalmente.

Cordialmente,
Mary E. Hunt, Ph.D.
Diann L. Neu, D.Min.
Co-directors⁴

⁴ Carta enviada por e-mail.

Querid@s amigos,



@s parabenizamos por esta magnífica iniciativa de fazer esta homenagem a Ivone Gebara nossa amiga e integrante do Conselho Consultivo de Católicas pelo Direito de Decidir. Para nós, Católicas pelo Direito de Decidir, Ivone é uma companheira de caminho, de buscas, de lutas, de conquistas, de frustrações, de esperanças, de festas e danças... Nestes momentos temos motivos para celebrar a sua vida, a sua caminhada, a sua contribuição teórica. Junto a ela existem entrelaçados fragmentos de vidas, de caminhadas, de histórias e de saberes de outras muitas mulheres. Mulheres que alimentam os sonhos dela, e mulheres que recebem força e luz dos sonhos sonhados e partilhados por Ivone.

A produção teológica de Ivone traz novidade, é fresca, dinâmica, desafiadora... As suas reflexões iluminam e dão sentido à(s) vida(s) de muitas mulheres, especialmente a das mulheres pobres, acostumadas a buscar consolo, para os seus sofrimentos e para os sofrimentos de outros, - causados por sistemas androcêntricos, econômicos, religiosos e políticos - nos ritos, símbolos e discursos patriarcais das instituições religiosas (entre elas a católica), lugares onde são tratadas como inferiores, como seres de segunda categoria.

Consideramos que as ideais de Ivone, mais que outra produção teológica, foram fundamentais para romper a tensão e distanciamento entre o feminismo e a teologia. Um destes momentos de distensão foi a análise feita pela Ivone sobre um tema fundamental para o feminismo, como é o aborto, que fez com que as feministas e as mulheres em geral encontrassem um olhar diferente, companheiro, solidário com as suas lutas, por parte de uma teóloga católica.

Pela primeira vez, talvez, uma mulher vinculada às estruturas da Igreja Católica – torna sua voz pública e toca o nervo exposto da ética sexual católica quando diz: O aborto não é pecado. Este é um momento de encontro profundo com a proposta de CDD. Tornar públicas outras vozes católicas que consideram que as mulheres têm capacidade ética e moral para tomar decisões sobre assuntos relacionados com a sexualidade e a reprodução.

*Abraços,
Católicas pelo Direito de Decidir⁵*

⁵ Carta enviada por e-mail.

Outras Homagens





Ivone. Fazia um frio danado, depois de alguns dias que as mulheres camponesas aqui do Rio Grande do Sul – por isso essas bandeiras do MMC [Movimento de Mulheres Camponesas] e do MST [Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra] – um 8 de março de 2006, as mulheres recuperaram o dia 8 de março como o Dia Internacional de luta das mulheres e de classe. E a polícia estava atrás da mulherada. Porque a mulherada tinha enfrentado a Aracruz Celulose, aqui no estado. A polícia estava atrás, as mulheres estavam tendo que se esconder e nós estávamos numa reunião em Porto Alegre e a Elaine conseguiu um espaço pra nós aqui na EST, numa noite fria, no mês de junho, pra gente vir fazer a conversa com você, Ivone, aqui. Foi à sala fechada, tudo fechado, por conta do frio, por conta do medo, porque a gente tinha experimentado toda a força que a gente tinha, nossa capacidade de organização, nossa capacidade de enfrentamento. E de uma maneira muito linda as mulheres camponesas vieram até aqui e queriam conversar com você, Ivone. Elas precisavam contar pra você o que foi o 8 de março de 2006. Elas precisavam ouvir de você e a conversa foi difícil. Porque você, Ivone, fez perguntas muito difíceis para nós. Perguntas do que vinha depois daquele enfrentamento com o capital, com a Brigada Militar, com as autoridades. O que viria depois? E como nós construiríamos a nossa resistência? E o que a gente aprendeu naquela noite foi: que a gente tinha que cuidar umas das outras, que seria fundamental entre nós o amor, a amizade, a capacidade de caminhar junto, de uma sustentar a outra, de uma guardar os filhos da outra, da companheira que tinha que fugir. E foi essa conversa linda, que juntava a mais profunda espiritualidade, a mais profunda teologia com a militância mais radical, com a militância... de ter coragem de fazer os enfrentamentos mais terríveis. E essa beleza de que nós não estamos sozinhas. Nós não estamos sozinhas. E nós, companheiras, com você, Ivone, aprendemos isso: podem prender, podem silenciar, podem abandonar, podem

expor em praça pública, podem fazer a gente sofrer, podem deixar a gente sem trabalho, podem deixar a gente sem lugar pra publicar, podem fazer o que vocês quiserem. Nós não estamos sozinhas. E é esse amor e essa amizade, essa força que alimenta a nossa caminhada ainda no dia de hoje. Por isso, Ivone, a gente escreveu um livro em sua homenagem. Um livro de cartas de amor. A gente te ama, Ivone. A gente aprendeu a se amar. Nós queremos seguir amantes umas das outras. É isso que nós somos: amantes. Amantes da palavra, amantes da vida, amantes umas das outras, amante do mundo que vai vir em que vai haver dignidade e humanidade. Por isso, agora, pra vocês, eu apresento o livro “Querida Ivone - Amorasas cartas de teologia e feminismo”.



Tinha que ser carta, Ivone, não podia ser só o texto acadêmico que a gente aprende a fazer, sabe fazer e faz muito bem. Mas agora tinha que ser carta. Tinha que ser assim, de coração pra coração, de mariposa na barriga pra mariposa na barriga, de tesão pra tesão. Tinha que ser uma conversa. Querida Ivone: todas nós nos juntamos, são diversas mulheres e homens também, que aprenderam a ser amantes, a se cuidar e fazer feminismo dessa maneira. Então aqui estão as nossas cartas. São 20 cartas. Cartas amorosas de teologia e feminismo. Aqui no Brasil a gente juntou gente de uma geração, duas gerações, três gerações. Gente que nem nunca assistiu você ao vivo e a cores. Mas nós juntamos gente de outros continentes também. Eu queria pedir ao Cláudio,

porque nós também conseguimos articular teólogas que te amam, que se amam, também em outras partes do mundo.

Nancy Cardoso Pereira

Eu estava fazendo o meu doutorado no Seminário Teológico União em Nova Iorque quando eu encontrei a Ivone. E a escola pediu para que eu fosse o assistente dela nas duas classes que ela ia dar no segundo semestre daquele ano. E foi fantástico esse tempo com ela. Porque ela foi quebrando as pernas desse complexo de vira-lata que eu ia carregando também como estudante fora do país. E a presença dela lá foi tão maravilhosa... somente algumas raras pessoas eram convidadas, como por exemplo, a Musa Dube da África e depois ela. E conforme ela foi dando aquelas aulas eu fui percebendo que não só ela enfrentava os desafios dela ali, mas ela tinha uma força de criação e de formação que aí eu fui entendendo o porquê do encanto que todo aquele país tem por ela. Então hoje, a nossa querida Ivone, ela faz parte da ementa de muitíssimos cursos por toda a parte, ao ponto de que quando um curso de teologia não tem alguma coisa dela a gente torce o nariz, porque não está tão bom assim. E ela é uma presença tão incrível por toda a parte, que ela foi convidada pra ser a palestrante oficial do encontro da American Academy of Religion, que pessoas, como por exemplo, Derrida falou, James Cone e do Brasil a nossa Ivone esteve lá, questão de dois anos atrás. Profundamente respeitada. E o que é mais lindo de ver é ver como que comunidades marginalizadas lá tomam a Ivone como água, como pão e vão se refazendo. E ela vai descolonizando os imaginários que vão sendo criados. E a gente vê como que esses homens e mulheres e comunidades marginalizadas vão criando força, vão ganhando voz, vão ganhando uma sensação de que elas podem e de que a voz delas tem um valor tão grande e imenso que vão contagiando todo o mundo acadêmico e também as práticas de comunidades de resistência. Então eu queria dizer que lá nos Estados Unidos ela é imensamente respeitada. Profundamente respeitada. E ela vai fazendo a voz dela repercutir, ecoar processos de força, de resistência, de descolonização da alma, do corpo,

da mente. E vai criando formas de resistência por toda a parte, onde quer que ela seja lida. Ivone, a gente está tão feliz. Eu vou voltar pra lá e vou levar também um pouco mais de você. Obrigada por tudo que você faz por nós.
Um beijo.

Cláudio Carvalhaes

Encerramento

“A benção do Deus de Sara, Abraão e Hagar
A benção do filho nascido de Maria
A benção do Espírito Santo de amor
Que cuida com carinho, qual mãe cuida da gente
Esteja sobre todos nós. Amém.”

Ivone, que o espírito de Sofia continue soprando sobre você, dando conforto, alegria e paz na vida que transcende toda a dificuldade. Amém



Pagu¹

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Hum! Hum!

Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra
Hum! Hum! Hum! Hum!
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou puta

Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem

Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem

Ratatá! Ratatá! Ratatá!
Taratá! Taratá!

¹ LEE, Rita. *Pagu*. Interpretação: Gingapraqê.



Ivone Gebara recebendo os presentes e as homenagens através de Elaine Nogueira-Godsey que gentilmente cedeu a fotografia.

**“SOMOS DESAFIADAS a OUVIR, OLHAR,
SENTIR, ACOLHER, PERGUNTAR, CONVERSAR,
como se o corpo do outro ou da outra
pudessem ser o meu próprio corpo, como se
os seus olhos e ouvidos pudessem completar
minha visão e audição. E mais, como se as
dores alheias pudessem ser de fato minhas
próprias dores e suas histórias de vida,
minhas mestras. SÓ ASSIM PODEREMOS TER
UM POUCO DE AUTORIDADE COM
DIGNIDADE.”**

Ivone Gebara

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-89754-35-4



9 788589 754354